

Protesto bielorrusso: quem? Por quê? Para quê? (análise política e econômica). Suas lições¹

Alexander Vladimirovich Buzgalin²

Resumo³

A situação na Bielorrússia é preocupante e emblemática. Preocupante, pois importa para a sociedade russa, povo ligado entranhadamente à Bielorrússia e sua história. O desfecho político da revolução democrática pode tanto dinamizar as forças de transformação social da Rússia, quanto ser mais um polo avançado dos EUA a pressionar os destinos emancipados da Rússia. Emblemático, pois desvela a possibilidade de futuros mais democráticos e emancipados de uma sociedade socialista. O que pode ensejar o surgimento de um polo democrático radical aliado das forças russas de transformação social.

Palavras-chave: Bielorrússia; transformação; conflitos.

Resumen

La situación en Belarús es preocupante y emblemática. Preocupante porque le importa a la sociedad rusa, gente muy vinculada a Bielorrusia y su historia. El resultado político de la revolución democrática puede impulsar las fuerzas de Rusia para la transformación social o ser un polo avanzado de Estados Unidos para presionar los destinos emancipados de Rusia. Emblemático, porque revela la posibilidad de futuros más democráticos y emancipados de una sociedad socialista. Lo que puede dar lugar al surgimiento de un polo democrático radical aliado con las fuerzas rusas de transformación social.

Palabras clave: Belarús; transformación; conflictos.

Abstract

The situation in Belarus is worrying and emblematic. Worrying because it matters to Russian society, people closely linked to Belarus and its history. The political democratic revolution outcome can either boost Russia's forces for social transformation or be an advanced US pole to put pressure on Russia's emancipated destinies. Emblematic, because it reveals the possibility of more democratic and emancipated futures of a socialist society. What can impulse the emergence of a radical democratic pole allied with Russian social transformation forces.

Keywords: Belarus; transformation; conflicts.

¹ Texto recebido via e-mail, em russo, e traduzido ao português pelo Prof. Dr. Paulo Alves de Lima Filho. Mais sobre este tema, vide fala de Buzgalin em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=LR7IKO9-ucg>>

² Doutor em Economia, Professor. Diretor do Centro de Estudos Marxistas Contemporâneos, Faculdade de Filosofia, Universidade Estadual de Moscou, Lomonosov, Diretor do Instituto de Socioeconomia da Moscow Financial Law University MFLA.

buzgalin@mail.ru

³ Resumos elaborados pelo tradutor.



A onda de debates sobre os acontecimentos na Bielorrússia deixa para trás, talvez, as questões mais importantes: por que e quem vai às ruas de Minsk e outras cidades, o que exatamente querem as pessoas que arriscam sua liberdade, saúde, vida? Por que existem dezenas de milhares deles, e provavelmente mais? Por que exatamente na Bielo-Rússia, que parece ser o país mais calmo e estável, com uma enorme tradição histórica de antifascismo e amizade com a Rússia?

Antes de oferecer respostas a essas perguntas, deixe-me enfatizar: não estou escrevendo estas linhas como um observador externo. Minha pátria foi e continua sendo a URSS e a Bielorrússia - sua parte integrante. Estas são as linhas de um homem que tem muitos camaradas em Minsk e para quem o destino deste país pessoalmente não é indiferente.

E agora - em essência.

1. Capitalismo bielorrusso

A raiz dos problemas atuais do país está na especificidade do sistema socioeconômico e político da Bielorrússia. Nas últimas décadas, um modelo muito específico de capitalismo semiperiférico se desenvolveu no país - um sistema em que o principal poder econômico e político pertence não ao capital privado, mas a um aparato estatal burocrático paternalista, cujo símbolo (mas não o proprietário) é Lukashenko.

Ao contrário da Federação Russa e da maioria dos outros países da CEI, o grande capital oligárquico da Bielorrússia é pouco desenvolvido e, na maior parte, está em uma posição subordinada ao aparato estatal. Dessa forma, o capital privado, não mesclado com a burocracia, fica em posição subordinada e presta homenagem à burocracia. É significativo que essa subordinação não seja apenas econômica, mas também administrativa, política e até cultural e ideológica. E isso se aplica a pequenas, médias e grandes empresas (na Rússia a situação é semelhante, mas em nosso país a classe de proprietários do capital, como um todo, domina o estado; na Bielorrússia - ocorre o oposto).

É essencial que o Estado bielorrusso seja ao mesmo tempo paternalista e capitalista. Na primeira função, utiliza parte significativa de seus recursos para apoiar a indústria, o setor agrícola, a infraestrutura e a população. No segundo, a burocracia se funde com os subordinados do capital e explora a maioria dos trabalhadores, tanto econômica quanto administrativo-politicamente, atuando como um estado capitalista.



2. Maioria trabalhista

O principal aqui é que um homem do trabalho (uso deliberadamente este conceito agora fora de uso) na Bielo-Rússia, que até recentemente vivia em geral uma situação relativamente satisfatória e segura, está privado da oportunidade de ser um Homem, de não ser uma "engrenagem", parte de uma massa obediente impessoal; privado da oportunidade de ser pessoa, sujeito da vida econômica, política, cultural, de não ser objeto passivamente obediente de cuidado (entre aspas e sem) por parte do "pai".

E a "saciedade" da maioria dos trabalhadores na Bielorrússia tornou-se recentemente bastante relativa: o desenvolvimento econômico e social está desacelerando, a verdadeira desigualdade social está crescendo.

O resultado é a crescente alienação do povo em relação ao estado, uma crescente fadiga latente da sobrevivência oprimida e impessoal. E tudo isso é levado para as profundezas, para uma subexpressão semi-subterrânea.

O resultado é a prontidão latente da maioria dos bielorrussos comuns para apoiar o protesto. Mas, ao mesmo tempo, há também o medo de perder a estabilidade relativa da existência garantida pelo paternalismo. Assim, até recentemente, a maioria dos trabalhadores "comuns" do país tinha uma posição que estava implicitamente presente: por mudanças, mas não pelo capitalismo liberal e, portanto, se não houver alternativa, então melhor deixar ficar Lukashenko.

Mas a confiança de Lukashenko, apenas no uso da força durante os protestos, muda a situação aos trancos e barrancos: os cidadãos "comuns" acordam e entendem que paternalismo não é apenas estabilidade, mas também estagnação. E o capitalismo, mesmo paternalista-burocrático, é exploração e subordinação...

3. Oposição: quem e por quê

Basicamente, a natureza capitalista da sociedade bielorrussa dá origem à orientação da maioria da população, especialmente dos jovens, e (duplamente!) da juventude de "elite" para o sistema de consumo liberal de valores que domina o mundo no século XXI.

(Notarei como uma digressão importante: muitas vezes é erroneamente chamado de "ocidental"; não é ocidental - é um sistema global de interesses e valores formado pelo capital global, tanto por aqueles que se estabeleceram no Ocidente quanto por aqueles que são "registrados" no Oriente).



Neste sistema de valores, o enriquecimento está em primeiro lugar, diretamente ligado ao consumo de prestígio das marcas, estar “na tendência” e no individualismo - tudo o que está na base da ideologia e da psicologia do neoliberalismo. Na Bielorrússia paternalista-capitalista, essas intenções dos jovens, por um lado, são alimentadas (pelo capitalismo), por outro, são bloqueadas (pelo paternalismo burocrático). O resultado é uma contradição que leva a uma explosão. Daí a posição de uma parte significativa da burguesia média e da pequena burguesia, bem como *freelancers* e todos aqueles que (em muitos aspectos ilusórios!) se consideram donos de considerável “capital humano”, que é especialmente característico da juventude nas grandes cidades, educada no estilo ocidental.

(Vou me permitir mais uma digressão importante: o sistema educacional fundamentalmente capitalista na Bielorrússia de Lukashenko ensinava e ensina os jovens de acordo com os cânones americanos - seja Economia, Administração, Filosofia ou Ciências Políticas).

Além disso, uma verdadeira falta de oportunidades para a auto expressão e de críticas ao sistema existente.

E tudo isso no contexto de uma coesão econômica, informacional e cultural objetivamente inevitável com o capital político e econômico global (“Ocidente”).

Como resultado, os estratos sociais mencionados acima, muitas vezes referidos como a chamada “classe média” das grandes cidades (na verdade, estes são os 15-20% mais ricos da população), em sua maior parte, se tornaram oposição ao sistema de Lukashenko. Esta é uma minoria, mas uma minoria política e informacionalmente ativa.

E mais um fator - divorciada da vida real, dos interesses e dos problemas do povo e do país como um todo, a burocracia descontrolada pelos cidadãos, inevitavelmente “enlouquece”, perdendo também intelectualmente para a oposição. Como resultado, os manifestantes, na maioria dos casos, ganham a guerra de informação e comunicação contra as autoridades, à qual estas respondem com um acúmulo de força bruta, o que apenas multiplica o número de seus oponentes...

4. Fator externo

Por fim, o fator externo também deve ser levado em consideração. A Bielorrússia é cercada pelos países da UE (mais os EUA atrás deles) e a Ucrânia - do oeste, norte e sul; Rússia (e China, politicamente, não geograficamente) - do Oriente. Na luta pela Bielo-Rússia como ponto de



apoio econômico, político e militar, o "Ocidente" atua de forma poderosa e usa não apenas dinheiro e tecnologias políticas, mas também os métodos mais importantes e modernos - manipulação cultural, ideológica e informativa, dirigindo-se ao leigo, em primeiro lugar - aos jovens. O "Oriente" está perdendo, agindo fracamente e à moda antiga, tentando resolver todos os problemas no profissional. O resultado é a resposta à pergunta de quem e por que vai aos protestos.

5. Barricadas de protesto

A base do atual protesto é a rejeição objetiva do sistema econômico e político existente na Bielorrússia pela maioria da chamada "classe média", que, com informação e o apoio organizacional do "Ocidente" gradualmente "amadureceu" para protestar. À sua prontidão potencial, eles acrescentaram nacionalistas criados especialmente para este propósito, dinheiro, provocadores, políticos e outros tecnólogos, e... um pedido objetivamente existente tornou-se uma ação ativa. O mingau de protesto estava pronto.

Quem está do outro lado das barricadas hoje?

Obviamente, o aparato estatal e a máquina da violência.

E quanto à maioria dos trabalhadores?

Até agora (este texto foi escrito em 12 de agosto), a maioria permanece indiferente à participação ativa no protesto, porque sente semiconscientemente: para os trabalhadores da Bielorrússia, a vitória da oposição neoliberal será ainda mais perversa do que o sistema existente traz. Deixe-me explicar: trabalhadores, camponeses, professores e médicos da Bielo-Rússia não obterão liberdade política do sistema neoliberal. Na melhor das hipóteses, eles receberão sinais formais que ocultam a total manipulação da opinião pública pelo capital corporativo global e seus representantes políticos. Na pior das hipóteses, uma ditadura de nacionalistas com um sabor pró-fascista. Economicamente, do neoliberalismo, a maioria trabalhadora (incluindo jovens protestantes "ingênuos") não receberá nada além da abolição de garantias sociais já não muito grandes e a oportunidade de existência de um proletariado protegido pelo paternalismo (embora politicamente privado) de se transformar em um precariado empobrecido e politicamente fundamentalmente desorganizado, que serve como um excelente terreno fértil para o nacionalismo e a ditadura.

Mas isso é por enquanto. Se o sistema de repressões crescer e se tornar autossuficiente (e essa tendência é imanente ao sistema estatal repressivo não controlado pelos cidadãos), a onda de protestos incluirá



bielorrussos "comuns". Querendo ou não, eles vão entender: o governo existente está pronto para punir a todos indiscriminadamente e eles não estão a fim disso.

E então a maioria do paciente, mas sem medo em sua raiva, povo bielorrusso pode realmente se rebelar...

PS. "Querida Bielorrússia ..." - estas palavras da velha canção fazem parte não só do nosso passado. Destino. Um destino baseado não apenas na vitória na Grande Guerra contra o fascismo, mas também na criação. Além disso, a criação mesmo nas condições mais monstruosas e com base na sua própria iniciativa, auto-organização. Um exemplo é o movimento partidário. E aqui foi a Bielo-Rússia que mostrou a todos um exemplo de como as pessoas podem lutar contra o inimigo. Não foi à toa que o primeiro desfile da Grande Guerra Patriótica - o Encontro e Desfile de 30 brigadas partidárias, que durou várias horas em 16 de julho de 1944, aconteceu em Minsk, justamente nas ruas e praças onde os confrontos acontecem hoje. E no dia seguinte, 57.000 soldados e oficiais alemães capturados foram conduzidos pelas ruas de Moscou, lavando o asfalto atrás deles...

Primeiras lições dos eventos na Bielorrússia

A crise na Bielorrússia está crescendo e, mesmo que Lukashenko consiga manter seu poder, ela permanecerá instável e a sociedade continuará a amadurecer a compreensão da necessidade de mudança e a disposição de lutar por ela. Em qualquer caso, a Bielorrússia (e não apenas a Bielorrússia) não será mais a mesma do último quarto de século. A questão é se os cidadãos, esquerdistas e autoridades dos países pós-soviéticos serão capazes de aprender com o que está acontecendo agora neste país. Uma pergunta igualmente difícil é quais são essas lições. No primeiro, ele tende a responder negativamente. Provavelmente, as lições não serão aprendidas novamente. Mas isso não salva os teóricos de esquerda de tentar formulá-los. Ainda não chegou o momento das conclusões finais, mas as primeiras conclusões podem e devem ser tiradas.

Primeira lição. A estagnação não pode durar para sempre



Começarei com o mais óbvio: sistemas aparentemente absolutamente estáveis em que o principal poder econômico e político pertence à burocracia e os cidadãos são reduzidos ao papel de consumidores passivos de "benefícios" mais ou menos significativos do estado paternalista, existem há várias décadas, no máximo.

O motivo da degeneração é conhecido: um sistema em que o principal poder econômico e político pertence à burocracia é, em princípio, instável. Ela só pode viver em transição e em desenvolvimento ou ao poder econômico e político dos trabalhadores (socialismo), subordinando a burocracia aos seus interesses, ou ao poder econômico e político do grande capital (nas condições modernas - transnacional), utilizando o aparato do Estado em seus próprios interesses.

Vamos deixar a primeira opção de lado por enquanto - em 2021 farão 30 anos desde que a URSS foi para o futuro, e quanto mais longe, mais bases para discussões sobre o socialismo do século 21.

Agora sobre o segundo. Dentro do sistema, que por brevidade denominaremos de "de Lukashenko", e cuja essência é o paternalismo-capitalismo burocrático, ao longo dos anos de sua existência, novas forças se interessaram por sua transformação.

O primeiro é o capital privado, incluindo o capital pequeno e "humano", em cuja acumulação e poder o antigo sistema burocrático começou a interferir ativamente. Estes últimos - os portadores de "capital humano" - devem ser especialmente mencionados. A maioria deles são mais ou menos jovens (16-30 anos) que receberam ou estão recebendo educação em um espírito neoliberal, reproduzindo o "fundamentalismo de mercado" e vivendo em um ambiente cultural e informacional totalmente comercializado (o chamado "ocidental"). Eles têm um certo potencial (alguns têm mais, outros menos, alguns apenas na imaginação alimentada pela publicidade) para ganhar dinheiro a fim de ter marcas e estar na moda, e são realmente prejudicados pelo sistema de Lukashenko.

A segunda força é a nova geração da nomenclatura de Lukashenko, que vive essencialmente no mesmo ambiente neoliberal e no qual todo o seu ambiente (de esposas e amantes a filhos e netos) vive de acordo com esses padrões ("ocidentais"). Para eles, a Bielorrússia, o seu povo e até os cargos na hierarquia do Estado não são mais do que uma base para a acumulação de capital e do seu poder privado. Por enquanto, estar dentro do sistema burocrático era um meio lucrativo para eles. Mas se, e assim que surgir uma oportunidade de se libertar do poder da hierarquia e ganhar a



"liberdade" da empresa privada, eles começarão a romper, com um entusiasmo invejável, o próprio poder que recentemente personificaram. Isso é o que uma parte significativa da comitiva de Lukashenko está fazendo hoje.

E a maioria dos trabalhadores - operários, professores, médicos?

Antes de responder a esta questão, convém enfatizar: a natureza do capitalismo burocrático é tal que, inevitavelmente, passa do crescimento extensivo à estagnação, e então as massas passam do apoio forçado a este sistema como o menor dos males para a oposição surda a ele. E é isso que está acontecendo agora na Bielorrússia.

Durante duas décadas neste país, foi feita uma tentativa real de combinar o capitalismo semiperiférico com o paternalismo burocrático: a indústria, a agricultura e a infraestrutura estavam se desenvolvendo; bom para os padrões de uma semiperiferia e foram criados cuidados de saúde e educação públicos (este último, enfatizarei especialmente, era predominantemente liberal-globalizado, que formou em grande parte jovens de mentalidade neoliberal que passaram pelas universidades, onde aprenderam os fundamentos do fundamentalismo de mercado, juntamente com mitos sobre a democracia liberal). Até recentemente, o nível de diferenciação social na Bielorrússia era 2 vezes menor do que na Rússia e 1,5 vezes menor do que nos Estados Unidos.

Mas, ressaltarei mais uma vez, o capitalismo burocrático-paternalista está condenado à estagnação e à crise se não avançar para o socialismo. Lukashenko se posicionou no sentido de fortalecer o papel do mercado e do capital: estagnação dos rendimentos reais, do Código do Trabalho e da reforma das pensões, infringindo os interesses dos trabalhadores, etc. - tudo isso minou as bases do sistema que se formou sob Lukashenko. E o homem "comum" da Bielorrússia começou a mudar sua atitude em relação ao antigo "pai".

Enquanto o trabalhador recebia da burocracia e do capital certo aumento na qualidade de vida, garantias de segurança, estabilidade da qualidade de vida, odiava furiosamente este sistema, mas suportava, obedecia, humilhava-se, escolhia o menor dos males, não acreditava na própria força, não acreditava nas forças da oposição de esquerda (na maior parte, realmente impotentes ou cedendo às autoridades em um momento decisivo).

Mas quando o antigo sistema entra em estagnação, ou mesmo em crise, as pessoas acordam.



Então a “gente comum” - um trabalhador, um camponês, um professor, um trabalhador médico - no momento decisivo está pronto para dizer: nós não somos gado.

É por isso que me comprometo a argumentar: a raiz dos problemas é a estagnação econômica e a desigualdade social, e não apenas a ausência de liberdades políticas e de expressão. E daí a primeira lição - para as autoridades (às quais, no entanto, é inútil abordá-las): se a nomenclatura capitalista de estado não atende às necessidades da maioria dos trabalhadores e não fornece profundas reformas oportunas de orientação social (uma abordagem progressiva de impostos, educação e saúde para todos, sindicatos fortes, etc. etc.) e o crescimento acelerado da economia nacional, então acaba por ser um inimigo não só das forças pró-liberais, mas também da maioria dos cidadãos e, além disso, mais cedo ou mais tarde será traído por uma nova geração de cínicos em suas fileiras. Isso, de fato, começou na Bielo-Rússia.

Na Rússia, a situação é um pouco diferente. Na Federação Russa, a burocracia estatal não tanto subjuga o grande capital oligárquico, mas está entrelaçada a ele e, principalmente, realiza seus interesses econômicos e políticos e, portanto, tem bases econômicas mais fortes do que o sistema de Lukashenko: o poder do Estado russo é baseado em trilhões de dólares de oligarcas russos. Mas essa união não é eterna. Além disso, na Federação Russa, a estagnação e um curso antissocial já se arrastam há mais de uma década, e a paciência da maioria parece estar no limite. Portanto, ao contrário da Bielorrússia, tudo pode ir além das convulsões políticas e ir mais longe e mais fundo - em direção à revolução socioeconômica.

Segunda lição. As pessoas não são gado e os principais problemas não podem ser resolvidos à força

Começarei com uma tese fundamentalmente controversa (estou dirigindo essas palavras aos patriotas da Rússia): não se deve ter medo da atividade dos próprios cidadãos. Para o desenvolvimento estável do país (não uma estagnação com imitação de bem-estar!), cidadãos ativos, unidos na base da iniciativa de baixo, cidadãos atuantes política e socialmente são necessários como o ar. Estas são profundas reformas sociais e democráticas realizadas com base em uma iniciativa de baixo para cima, uma condição para (pelo menos) a socialização do capitalismo do século 21 (o capital global moderno não é assim, não vai seguir este caminho e por isso estagnou, e não só no espaço pós-soviético), sem falar no avanço para a



sociedade do futuro, para o socialismo. Uma pessoa passiva, pacientemente obediente e resignada (como parece às autoridades e aos senhores) é a base da decadência e decadência tanto do poder quanto dos negócios. As autoridades, pois, são cada vez mais obrigadas a confiar nas estruturas de poder, nas tecnologias políticas, na manipulação ideológica, ou seja, para ser franco, no engano e na violência. Esse sistema não pode existir por muito tempo e ainda mais para se desenvolver. O negócio perde estrategicamente o mesmo, pois em uma economia onde o principal fator de desenvolvimento é o potencial criativo de uma pessoa, o funcionário deve ser criativo e talentoso, o que significa que deve ter oportunidades de auto-organização social e política. No entanto, o capital da era neoliberal é indiferente ao desenvolvimento estrategicamente orientado: o domínio da financeirização e do *short-termism* orientam os negócios para a especulação e "acumulação por expropriação" (David Harvey), ou mesmo apenas roubo feudal.

Quanto à política, o sistema econômico e político neoliberal apenas imita as liberdades, substituindo a democracia pela manipulação política de quem tem o capital nas mãos, criando um sistema que não é acidentalmente chamado pelos marxistas de "democracia para poucos" (Michael Parenti). Na Bielorrússia e na Rússia, a maioria dos cidadãos "comuns", se eles não entendem, sentem que sua democracia é uma mentira. Como Alexander Blok disse há cem anos (sim, esse mesmo Blok é o grande poeta russo da Idade de Prata), precisamos de democracia, mas não de americanos. Precisamos de direitos e liberdades políticas reais, uma oportunidade real de criar sindicatos e associações, controlar o poder e implementar iniciativas que surgem de baixo.

Este texto não é o lugar para falar sobre o que é "democracia básica" e como ela funciona. Mas este texto deveria dizer: onde uma pessoa não tem uma oportunidade real de ação social e política conjunta construtiva, haverá um protesto de rua com todas as suas contradições. Como nos EUA. Assim como os coletes amarelos. Como na Bielorrússia. E os serviços secretos, polícia de choque, etc. eles não podem detê-lo. Esta é a lição da Bielorrússia.

Por que a Bielorrússia ficou em silêncio por tanto tempo? Existe uma explicação para isso. No espaço pós-soviético, vigora a crença em um "bom czar", que se formou há séculos, que, aliás, na URSS (e até recentemente na Bielo-Rússia) se baseava no protecionismo do estado real em relação ao "comum". Acreditávamos (e em parte ainda acreditamos) que o "bom czar" puniria os "bad boys" (ministros, deputados), chefes gananciosos e funcionários ladrões, para proteger o país de inimigos externos (e eles são



reais!) com a ajuda de um forte exército e, em geral, resolveria todos os problemas. Infelizmente, isso não é um exagero - isso é o que eles tentaram ensinar às "pessoas comuns" na Bielo-Rússia e não apenas (não à toa, até recentemente, Lukashenko era chamado de "papai").

Mas um cidadão "comum" de um país pós-soviético está longe de ser simples. Crescemos com a cultura e a prática da URSS, não nos degradamos completamente em 30 anos de capitalismo semiperiférico. E isso não se aplica apenas aos "maiorais" com valores neoliberais. Isso se aplica à maioria dos cidadãos da Bielorrússia (e não só).

Se o capitalismo burocrático conserva ou, ainda mais, intensifica a estagnação econômica e a injustiça social, intensifica a impotência política da maioria, então parece que um trabalhador que "para sempre adormeceu" se levanta para protestar.

Aqui, porém, é necessária uma reserva importante: a atividade real da maioria dos trabalhadores, camponeses, trabalhadores médicos, professores, etc. A Bielorrússia não é tão grande quanto os líderes da oposição liberal estão tentando retratar. Na maioria dos casos, as chamadas "greves" são, na verdade, manifestações de protesto organizadas por "ativistas políticos". Algumas das greves reais são indiretamente apoiadas pelos proprietários de empresas, que são desvantajosas para o regime de Lukashenko, ou pela alta administração, que (como na URSS às vésperas do colapso) espera nesta onda ter a oportunidade de privatizar empresas estatais que atualmente são estatais. Em alguns casos - e este é o ponto mais importante para nós - já existe um potencial real de greves nas fábricas, mas são quase impossíveis de se organizar devido à legislação draconiana e à repressão aos dirigentes dos comitês de greve. Onde, nestas condições, é possível organizar uma greve "italiana" ("trabalhar de acordo com as regras"), pode-se e deve falar de um verdadeiro protesto dos trabalhadores. Mas também aqui ainda não existe uma oposição independente centrada nos interesses do trabalhador, e não na transição de um modelo burocrático para um modelo neoliberal de capitalismo.

Terceira lição. A falta de uma alternativa de esquerda empurra os trabalhadores para o campo neoliberal.

O povo se levanta para protestar.

Mas, ao mesmo tempo, surge a questão: para quê, com quem está e contra quem irá agir neste caso?



Se neste momento não houver uma oposição de esquerda forte e organizada, capaz de uma ação construtiva e positiva no país, ela será uma marionete nas mãos de políticos neoliberais, que não são casualmente classificados como "pró-Occidente" (lembro que isso não é nem mesmo uma questão de geopolítica - é uma questão de economia política: por trás desses políticos está o poder econômico, político, informacional e militar do capital global). E sendo uma marionete em suas mãos, um trabalhador vai perder (nós perderemos). A razão é simples: o capitalismo neoliberal nos países pós-soviéticos traz ainda maior degradação econômica, desigualdade social e impotência política das massas do que os sistemas anteriores.

Daí as lições para as autoridades, para os cidadãos, para a oposição.

Uma lição para os governantes dos países pós-soviéticos (que não vão aprender, porque seus representantes não são lucrativos no curto prazo): ao transformar cidadãos de seu país em figurantes em seu desempenho, você se condena à solidão no "momento da verdade" - quando o capital privado é um ponto positivo a minoria pró-liberal ativa virará as costas para você, e dentro de seu campo os mais ativos compreenderão que é mais lucrativo trair. Adicione a isso a poderosa pressão informativa, econômica e política do capital global (eu enfatizo: não apenas os políticos poloneses ou lituanos influenciam a Bielorrússia - capital global) e - se as pessoas não estiverem com você, e mesmo se não ativamente, mas contra você, você se encontrará sozinho. E a confiança no aparato de repressão acabará sendo insignificante. A força não apenas deixará de resolver os problemas, mas, no momento crucial, simplesmente virará as costas para vocês como perdedores. Da forma como aconteceu na URSS em 1991, como aconteceu na Ucrânia em 2014...

Uma lição para o povo: se na hora do conflito vocês (nós) não formarem sua autoconsciência sócio-política, não entenderem quem somos, para quê e para quem somos, quais são nossos interesses estratégicos, se nos comportarmos como ovelhas despertas, então seremos levados, na melhor das hipóteses, para um novo cercado; na pior, para o matadouro. Eles vão tirar proveito de nossa atividade. Ou os mais velhos, convencidos de que são o menor dos males. Ou o "novo", dando sinais de "liberdade" neoliberal e fortalecendo a subordinação do homem ao mercado e ao capital.

Uma lição para a oposição de esquerda: se no "momento da verdade" ela não se torna poderosa e construtiva, está destinada ao papel de nem mesmo ser figurante - observador. Observadores da tragédia.



Uma lição para os patriotas russos: você precisa pensar não apenas sobre os interesses geopolíticos de seu país

Esta seção será a mais controversa e relativamente breve.

A esmagadora maioria dos políticos, especialistas e jornalistas de hoje, pensando na Bielorrússia e na Rússia, prioriza as questões da geopolítica e, ao mesmo tempo, nem sempre enfatizamos alguns, mas soa como um refrão severo: nós (Rússia) devemos pensar sobre os nossos interesses, sobre o que é benéfico para nós e o que não é lucrativo, quem é útil, quem é prejudicial no conflito bielorrusso. E ao mesmo tempo, como algo não menos óbvio, reproduz-se a tese de que somos dois povos fraternos, dois países no mesmo - união - estado...

E, ao mesmo tempo, a maioria nem mesmo pensa que há uma contradição profunda aqui: se somos irmãos, então o povo russo, como um verdadeiro irmão, um camarada, deve primeiro pensar nos interesses do povo bielorrusso, e não nos benefícios geopolíticos do Estado russo, por trás dos quais os interesses comerciais do grande capital russo são claramente visíveis. E os bielo-russos sentem esses motivos egoístas dos verdadeiros mestres da Rússia.

Importante: nós - o povo multinacional da Rússia - temos uma verdadeira e profunda unidade de interesses com o povo multinacional da Bielorrússia. E este não é apenas o passado histórico, não apenas a vitória heroica na Grande Guerra Patriótica (Patriótica - para os russos e para os bielo-russos, e... e para todos os povos da URSS, acrescentarei). É também a experiência inestimável de construção do socialismo que nossos povos acumularam, é a unidade das culturas. E o mais importante: juntos, realmente foi mais fácil e produtivo para nós nos desenvolvermos neste mundo cheio de contradições e problemas mais profundos.

Porém...

Mas as capitais da Rússia e da Bielorrússia são concorrentes: estamos produzindo quase a mesma coisa, lutamos por cada dólar do preço dos recursos energéticos, estamos puxando investimentos "lucrativos" do Ocidente e do Oriente, um do outro.

Mas na geopolítica não há amigos, há rivais na luta por esferas de influência, espaço, por benefícios para seu capital.

Mas os "patriotas" (neste caso, não foi por acaso que coloquei esta palavra entre aspas) do nosso país continuam a repetir: "A Rússia não tem amigos a não ser o exército e a marinha...".



Então é isso. Concluindo, quero formular uma lição para os patriotas (sem aspas) e para aquela parte do sistema (político, mídia de massa, cultura) que realmente pensa sobre o futuro dos povos da Rússia e da Bielorrússia, e não sobre os benefícios do capital russo ou bielorrusso, funcionários, etc. Esta lição é simples: para os povos de nossos países (como, aliás, para todos os outros), apenas um caminho é estrategicamente promissor - aquele que leva à transformação de um trabalhador (não um "cozinheiro", não um trabalhador moderno, cientista, programador, professor, médico, artista) de uma engrenagem passiva de uma máquina burocrática e escrava de dinheiro, tendências e marcas para o mestre da economia e uma política que coloca o progresso humano acima do lucro e da politicagem. Se a Rússia propor à Bielorrússia (e não apenas) este caminho - primeiro as reformas sociais, depois o socialismo (não tenho medo deste conceito dificilmente proibido em artigos "sérios"), então teremos a maioria dos cidadãos (não capital, não políticos - cidadãos) da Bielorrússia. E não apenas a Bielorrússia.

Se buscarmos benefícios para nosso capital e benefícios geopolíticos, perderemos tudo e todos, pois já perdemos quase todos os nossos amigos no espaço pós-soviético. Enquanto a Bielorrússia permanecer...

207

Recebido em 30 ago. 2020 | aceite em 15 set. 2020.

